

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº. 005/2023

Dispõe sobre a concessão do título de cidadão honorário ouro-finense ao Ilmo. Sr. Sandro Amadeu Cerveira.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Ouro Fino, Estado de Minas Gerais, aprova e promulga o seguinte Decreto Legislativo:

Art. 1º - Fica concedido o Título de Cidadão Honorário Ouro-finense ao Ilmo. Sr. Sandro Amadeu Cerveira.

Art. 2º - Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

Caros colegas Vereadores,

Submeto á apreciação do Soberano Plenário o presente projeto de Decreto legislativo que visa conceder o Título de Cidadão Honorário Ouro-finense ao Ilmo. Sr. Sandro Amadeu Cerveira.

Atualmente é Reitor da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL/MG. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (2011) com estágio de pesquisa na Universidade de Salamanca. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Alfenas e pesquisador do Centro de Estudos Legislativos da UFMG. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, evangélicos,



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO FINO

política, ciência política e democracia. Foi vice-diretor do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas nos anos de 2012 à 2013 e diretor do ICHL - UNIFAL/MG durante os anos de 2014 à 2017.

Sandro Amadeu Cerveira nasceu em 10 de fevereiro de 1969, em São Sebastião do Caí, no Hospital Sagrada Família. Sua mãe, Carmem Lúcia Cerveira, tinha então 19 anos e era uma jovem dona de casa. Quase morreram no parto. Sobreviveram graças a uma cesariana de emergência. Seu pai, Luiz Natal Cerveira, com 31 anos, era mecânico da Brasília Guaíba Obras Públicas, emprego esse no qual permaneceu até sua aposentadoria por razões de saúde. Sandro é o mais velho entre meus dois irmãos: Marcos e Luiz Alexandre.

Passou sua primeira infância no Caí. Inicialmente, segundo contavam seus pais, moraram na chácara do avô materno, Sebastião Fernandes. Deste tempo não tem lembranças. Suas primeiras memórias são na “casa velha”, da qual restam apenas ruínas. Era uma casa de pedra laje que seu avô paterno, Ramiro Pires Cerveira, emprestou a seus pais para começarem suas vidas. Essa casa, localizada em uma modesta chácara no Passo da Taquara, fora a primeira casa dos seus avós. Muito simples, contava com apenas um quarto, uma salinha e uma cozinha rústica com fogão a lenha. A energia elétrica chegou a essa região, salvo engano, apenas nos anos 1980. Por isso, as memórias que desse período são da frágil luz do lampião a querosene. Viveu ali até os 5 anos e, desta época, lembra-se apenas da convivência com a família e de sensações como o encanto de ver através da janela, numa manhã de inverno, o telhado da coqueira coberto de geada. Sentir o cheiro das maçanilhas (camomila) e beber a água fria recém tirada do poço num dia quente de verão.

Dali, mudaram-se para o Rincão do Cascalho, para uma casa que Sandro chamou de “casa amarela”. A referência, como para a maioria dos moradores do “Rincão” seguia sendo o Caí. Lembra-se de tomar o Caiense com a mãe na parada 35 para ir até o “povo”, como dizia sua avó Dona Amanda. No Caí é que faziam as compras de sapato na loja do seu Lopes, que sempre os recebia chamando-os de “colorados” (de fato todos eram colorados) tiravam fotos, tomavam vacinas, iam ao médico e visitavam a avó.



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO FINO

empregada doméstica ou diarista e também na Escola Normal, como cantineira e faxineira. A morte do pai, em seguida, não melhorou as coisas.

Com 14 anos tirou minha carteira de trabalho. Assumiu um emprego na Empresa Caiense de Ônibus como cobrador, fazendo viagens a Porto Alegre, Novo Hamburgo e São Leopoldo. Seu último ano do ensino fundamental (8ª série à época) fez enquanto trabalhava nessa empresa. Fez, então, o vestibular para a escola técnica Liberato, em Novo Hamburgo, e foi aprovado com bolsa. Estudou ali por dois anos. Estudava pela manhã e à tarde e à noite trabalhava como empacotador no supermercado Nacional. Morava de "pensão" na casa da querida família de Noeli, que o acolheu com carinho nesse período. No segundo ano, seu pai faleceu. Um duro golpe.

Ao final do segundo ano deixou o Liberato e foi estudar teologia no Paraná, para se tornar pastor. Já estava na Igreja Batista há alguns anos e sonhava em ser pastor. Com 17 anos, foi para o Paraná estudar no Instituto Bíblico Maranata, onde se formou. Detalhe: o curso de Teologia ali oferecido era do tipo livre e, portanto, não alterou sua escolaridade do ponto de vista formal. Seguiu com o 2º grau (hoje ensino médio) incompleto.

Conheceu sua ex-esposa nesse seminário e, quando se formaram, casaram-se e foram trabalhar em Belo Horizonte, na Fundação da Igreja Batista Boas Novas do Flormar (bairro da zona norte de Belo Horizonte). Seu primeiro filho, Samuel Bragança Cerveira, nasceu em um ano e oito meses, depois veio a sua Jéssica Bragança Cerveira, quatro anos após o casamento.

Ali foi ordenado pastor e atuou por mais de dez anos. Nesse período, muito por incentivo da ex-esposa, Rosimeire Bragança Cerveira, voltou a estudar. Fez o curso supletivo. Prestou as provas da Secretaria de Educação e obteve seu diploma de ensino médio. Animado por haver passado, fez vestibular por duas vezes na Universidade Federal de Minas Gerais e foi aprovado no curso de História.

De 1995 a 2000 fez seu curso de graduação conciliando o trabalho na igreja com um segundo emprego como vendedor. Foram anos difíceis de poucas horas de sono e muitas lutas. Sem a parceria incansável de sua ex-esposa, que se sacrificou cuidando das crianças, da casa, trabalhando fora e ajudando na igreja, teria desistido. Ao final da graduação, apareceu o interesse pelo mestrado. Apesar de



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO FINO

Quando fez sete anos, seu irmão Leandro, então com seis, e ele, foram finalmente para a escola. Foi um momento muito feliz e esperado. Estudaram, até a terceira série, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, que ficava a uma distância razoável. Quando não contavam com a companhia da professora Terezinha ou de outros colegas, Sandro e seu irmão seguiam sozinhos, caminhando pela beira da faixa.

A escola, hoje desativada, ficava no meio de um campo e tinha uma única sala e dois banheiros externos. Desconfia o homenageado que o apoio e a logística da família da professora Alcina, que morava perto da escola, era fundamental para o seu funcionamento. Lembra-se de buscar água, com seu amigo e colega de sala Edson, em uma grande chaleira na casa dela.

Apesar do tamanho reduzido, havia na escola uma cozinha, onde as professoras preparavam a merenda, e uma biblioteca na qual descobriu os livros infantis de Érico Veríssimo. Maravilha-se de ler e viajar nas ilustrações de livros como “Rosa Maria no Castelo Encantado”, “O urso com música na barriga” ou “As aventuras do avião vermelho”. Esse último o fez sonhar que um avião em miniatura caía em seu quintal perto do arvoredo e seu piloto, também minúsculo, conversava com ele sobre suas aventuras assentado na palma de sua mão.

A escola tinha um espaço livre no qual se faziam bons recreios com brincadeiras tipo “ovo choco” ou “pega-pega”. Além, é claro, das partidas de futebol com a participação sempre animadora da professora Terezinha. Sandro faz questão de homenagear essa querida professora que tem a honra de chamar de colega. Além do afeto e gratidão que ela merece de todos seus ex-alunos e ex-alunas por sua atitude humana e humanizadora.

Do Rincão do Cascalho mudaram-se para São Vicente do Sul, onde moraram por aproximadamente três anos. Viajavam sempre para rever a família, inclusive a avó, que já morava no bairro Quilombo.

Quando estava com 13 anos, seus pais se separaram e então voltaram a viver no Caí, na rua Esperanto, perto de onde a avó e a tia já moravam. Foi talvez o período de maiores dificuldades. Sua mãe, com três filhos (de 13, 12 e 9 anos), sem formação profissional e com pouco apoio, trabalhou em casas de família como



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO FINO

não ser das Ciências Sociais, fez a seleção no Departamento de Ciência Política da UFMG e passou em 4º lugar. Foi um momento de muita alegria.

Durante o mestrado, veio o terceiro filho, João Luís Bragança Cerveira. Mais uma vez, a ex-esposa mostrou sua força, pois, mesmo com o filho pequeno, começou seu curso de graduação, até então adiado. Enquanto Sandro fazia o mestrado, ela concluiu sua graduação em Educação Artística com habilitação em Música.

O tempo do mestrado foi de grandes transformações pessoais e profissionais. Renunciou à bolsa a que tinha direito para atuar como chefe de gabinete na Secretaria de Serviços Sociais da Regional Norte da Prefeitura de Belo Horizonte e, depois, iniciou sua carreira como docente universitário.

Concluído o mestrado, atuou por alguns anos em várias faculdades privadas, em várias ocasiões lecionando longe de Belo Horizonte. Em 2006, fez a seleção para o doutorado em Ciência Política, também na Universidade Federal de Minas Gerais e foi aprovado.

Mais uma vez, foi necessário conciliar o trabalho e os estudos. Com três filhos e sem uma casa própria, apesar do trabalho parceiro da ex-esposa, não era possível viver apenas e somente da bolsa. Uma oportunidade surgiu: fazer um período de estágio (doutorado sanduíche) na Universidade de Salamanca, na Espanha, uma das mais antigas universidades do mundo. Estudou no Instituto de Ibero-América, com o qual seu grupo de pesquisa da UFMG iniciava sua parceria. Foi um semestre de aulas e parecerias de pesquisa que muito favoreceram sua minha formação e, obviamente, o domínio da língua espanhola.

De volta ao Brasil, tratou de defender a tese mas, antes de concluir o doutorado, uma amiga querida lhe falou de um concurso na recém-criada Universidade Federal de Alfenas, na cidade de Alfenas. Prestou o concurso. Não foi convocado imediatamente, mas em 2010 estava tomando posse como professor de Ciência Política no Instituto de Ciências Humanas e Letras da UNIFAL-MG.

Nesses últimos doze anos, atuou como professor, membro de comissões, membro do Conselho Universitário da UNIFAL-MG e diretor, eleito por dois mandatos, pelo seu Instituto. No final do ano de 2017, a universidade começou a discutir a sucessão de nosso atual reitor e seu nome apareceu como pré-candidato.



CÂMARA MUNICIPAL DE OURO FINO

A campanha começou para a reitoria da UNIFAL-MG e foi muito intensa. Pela primeira vez na história da universidade, havia quatro chapas disputando a reitoria. Foi para o segundo turno, junto com o professor Alessandro Costa Pereira, e foram escolhidos para serem os novos reitores da universidade.

Em 2021, novamente apresentou-se como candidato à reitoria da UNIFAL-MG, tendo sido novamente escolhido pela comunidade universitária para mais um mandato de quatro anos, para o período de 2022 a 2025.

Assim, como forma de reconhecimento a este destacado profissional e também pelos relevantes serviços prestados em nossa região faço a presente proposição para que possamos, caso aprovada, conceder-lhe o Título de Cidadão Honorário Ouro-finense.

Sala das Sessões "Ver. Antônio Olinto Alves", em 15 de março de 2023.


**Tiago Bazolli de
Moraes**
Vereador -PL


**Paulo Henrique Chiste Da
Silva**
Vereador -PL


Vânia Aparecida Vieira Couto
Vereadora - UNIÃO

7